

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS**  
**CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

JESSICA DE OLIVEIRA

**ARQUÉTIPOS EM AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*: ASLAM E SUA  
RELAÇÃO COM O UNIVERSO CRISTÃO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2018

JESSICA DE OLIVEIRA

**ARQUÉTIPOS EM AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*: ASLAM E SUA  
RELAÇÃO COM O UNIVERSO CRISTÃO**

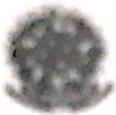
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Letras Português-Inglês da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná –  
Câmpus Pato Branco como requisito parcial para  
aprovação na disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura em Língua Inglesa

Orientadora: Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2018



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **JÉSSICA DE OLIVEIRA**

Título: *Arquétipos em As Crônicas de Nárnia: Aslam e sua relação com o universo cristão.*

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROUADO em  
28 / 11 / 18, pela comissão julgadora:

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco  
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.<sup>a</sup> Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada, agradeço a meus professores e aos meus colegas que me motivaram a chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram este momento.

A minha orientadora Mariese Ribas Stankiewicz, pelo suporte, infinita paciência, pelas suas correções, incentivos e tempo que dedicou ao meu trabalho. Mas principalmente por me acolher.

A minha mãe, Suzani Cordeiro e minha irmã Elizandra M. de Oliveira, pelo amor, incentivo, apoio incondicional e por serem exemplos heroicos durante todos estes anos.

Aos meus queridos amigos que me apoiaram, em especial as minhas amigas Camila Ribas Stankoski, Bianca Presotto e Yasmym Bussolaro – meu muito obrigada por tornarem meus dias mais leves, pois sem vocês esta trajetória não teria o mesmo significado.

Ao meu namorado, Tiago Colla, por me auxiliar nos momentos de angústia, por me apoiar psicologicamente e por todas as palavras diárias de motivação e apoio.

A todos os meus professores de graduação que tornaram esse momento possível, em especial às professoras da minha banca, Rosangela Marquezi e Marcia Consoli por serem grandes inspirações para a minha formação.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las.”

C. S. Lewis – *As Crônicas de Nárnia*

## RESUMO

OLIVEIRA, Jessica de. *Arquétipos em As Crônicas de Nárnia: Aslam e sua Relação com o Universo Cristão*. 2018. 44p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise da obra literária infantojuvenil *As Crônicas de Nárnia*, do autor irlandês C. S. Lewis, tendo como foco o estudo dos arquétipos religiosos presentes na obra. As questões propostas se referem ao apontamento do intertexto presente no livro do autor, com relação à Bíblia Sagrada. Para tanto, apresentaremos uma contextualização teórica a respeito da intertextualidade e dos arquétipos assim, apontando as influências sofridas para a construção da obra a ser analisada. Considerando, assim, a necessidade de identificação desses diálogos entre obras, o presente trabalho analisa três contos que compõe *As Crônicas de Nárnia*, sendo elas “O Sobrinho do Mago”, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” e “A Última Batalha”. Este trabalho se divide em dois momentos: o primeiro introduz a teorização de arquétipos e de intertexto, utilizando-se de autores como Carl Gustav Jung, Joseph Campbell e Julia Kristeva; e o segundo, utilizando-se da série *As crônicas de Nárnia* e da Bíblia Sagrada Cristã, apresenta uma breve análise do intertexto e da construção dos arquétipos na obra. Portanto, a análise dos dados intertextuais, baseou-se no comparativo entre a obra *As Crônicas de Nárnia* e a Bíblia Sagrada, explorando alguns elementos simbólicos presentes na obra, e a relação entre o personagem de Aslam e Jesus Cristo, relacionando a fé e os valores cristãos presentes na construção do personagem. Desta maneira, apresentamos no trabalho uma comparação entre os diálogos esclarecendo sua relação intertextual e a presença dos arquétipos.

**Palavras-chave:** Literatura Inglesa. Cristianismo. Arquétipos. Fantástico.

## **ABSTRACT**

OLIVEIRA, Jessica de. Archetypes in *The Chronicles of Narnia*: Aslan and his Relation to the Christian Universe. 2018. 44p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

The present paper aims to present an analysis of the children's literary work *The Chronicles of Narnia* by the Irish author C. S. Lewis, focusing on the study of the religious archetypes present in the work. The proposed questions refer to the possible intertext present in the author's book, in relation to the Holy Bible. To do so, we will present a theoretical contextualization about intertextuality and the archetypes, thus, pointing out the influences that occurred during the construction of the work to be analyzed. Considering, therefore, the need to identify these dialogues between works, the present paper analyzes three stories that compose *The Chronicles of Narnia*, being "The Nephew of the Magician", "The Lion, the Witch and the Wardrobe" and "A Last Battle ". The paper will be divided into two moments: the first introduces the theorization of archetypes and intertexts, using authors such as Carl Gustav Jung, Joseph Campbell and Julia Kristeva; and the second, using the series *The Chronicles of Narnia* and the Christian Holy Bible, presents a brief analysis of the intertext and the construction of the archetypes in the book. The analysis of the intertextual data, therefore, was based on the comparison between *The Chronicles of Narnia* and the Holy Bible, exploring some symbolic elements present in the work, and the relationship between the character of Aslan and Jesus Christ, relating faith and Christian values present in the construction of the character. In this way, we will present a comparison between the dialogues clarifying their intertextual relation and the presence of the archetypes.

**Keywords:** English Literature. Christianity. Archetypes. Fantastic.



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
1. CAPÍTULO 1: MITOS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA .....	16
1.1 MITOS E SEUS SENTIDOS NO MUNDO .....	17
1.2 PERSONAGENS DOS MITOS GANHAM STATUS DE ARQUÉTIPOS .....	19
2. CAPÍTULO 2: UM PARALELO ENTRE DOIS MUNDOS: ELEMENTOS CRISTÃOS EM NÁRNIA .....	24
2.1 <i>O AUTOR DE AS CRÔNICAS DE NÁRNIA</i> .....	24
2.2 UM POUCO SOBRE AS CRÔNICAS DE NÁRNIA .....	25
2.3 A CRIAÇÃO: “O SOBRINHO DO MAGO” (1955) .....	26
2.4 A RESSURREIÇÃO: “O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA” (1950).....	30
2.5 O FINAL: “A ÚLTIMA BATALHA” (1956).....	33
2.6 ASLAM COMO PERSONIFICAÇÃO DE CRISTO .....	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS.....	43



## INTRODUÇÃO

*O mal será bem quando Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar.<sup>1</sup>*

C. S. Lewis

Lendas, contos, mitos e os elementos arquetípicos neles presentes constantemente influenciaram a construção do imaginário dos povos. Estas histórias, que são passadas por gerações e tornam-se imortais ao longo do tempo, frequentemente desenvolvem papéis na literatura fantástica ou maravilhosa, explorando arquétipos ou histórias milenares, como acontece em romances das séries *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *As Crônicas de Gelo e Fogo* ou *As Crônicas de Nárnia*, entre tantos outros textos literários e fílmicos. Muitos destes textos trazem intertextos com elementos de diversas religiões, pois trabalham com os significados dos símbolos e de outras imagens representadas em diversas escrituras religiosas. Dessa maneira, essas mensagens continuam sendo veiculadas, ainda que imperceptivelmente, e são capazes de ser plenamente entendidas por causa da força arquetípica que contêm.

*As Crônicas de Nárnia*, escritas por Clive Staples Lewis (1898-1963), entre 1949 e 1954, apresentam uma temática bastante debatida e atual que trata de preceitos morais diretamente ligados ao cristianismo. Segundo autores como Samara Marques Arruda (2016), Grace Aparecida de Freitas Felix Duarte (2015), Sabrina Rosa Gonçalves (2015) e Emanuel Ernandes Pereira de Lira (2011), Lewis estabelece um paralelo entre os mundos de Nárnia, levando em conta seu profundo conhecimento sobre o cristianismo, já que se destacou como importante teólogo de sua época. Com sua escrita leve e por se tratar de um conto de fadas, Lewis aborda de maneira criativa e sutil assuntos relacionados à política e até mesmo à economia, sem que estes subvertam a natureza do maravilhoso existente nos romances, o que torna sua obra atrativa a diversos públicos e olhares.

*As Crônicas de Nárnia* representam uma série de sete livros, considerados como clássicos da literatura infantojuvenil – “O leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”; “Príncipe

---

<sup>1</sup> LEWIS, C. S. *Crônicas de Nárnia*. 2011, p. 81.

Caspian”; “A Viagem do Peregrino da Alvorada”; “A Cadeira de Prata”; “O Cavalo e seu Menino”; “O Sobrinho do Mago” e “A Última Batalha”. O autor faz uso das mitologias grega, celta e nórdica na narrativa, utilizando os centauros, anões, faunos, sereias, unicórnios, além de animais falantes.

A história acontece em um momento pós-guerra com os irmãos Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, que descobrem o mundo de Nárnia através de um guarda-roupa mágico. No decorrer dos romances, novas aventuras e reinos vão sendo apresentados ao leitor. O que destaca-se na obra é o paralelo intertextual que o autor traça por meio de trechos e personagens bíblicos.

Neste sentido, à luz da ideia de dialogismo de Mikhail Bakhtin (1981, p. 344), em *Estética da Criação Verbal*, que afirma que o “até o discurso direto [de um] autor é, conscientemente, preenchido de palavras do outro”, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal objetivo uma análise de *As Crônicas de Nárnia*, traduzidas por Paulo Mendes Campos, em 2011, no que diz respeito às inserções de elementos e mensagens do cristianismo em paralelo com as imagens e partes do enredo do romance constituídas de simbolismos e temáticas inspiradoras que cercam o personagem Aslam, cujas ações se relacionam com mensagens do cristianismo. Assim, buscamos mapear semelhanças do desenvolvimento do personagem que se fazem por meio da moralidade e dos ensinamentos pregados pelo cristianismo, observando também a relação na construção dos textos e levando em consideração a imagem do leão como uma representação da divindade como já citada na bíblia – João Batista escreveu: “E disse-me um dos anciãos: ‘Não chores; eis que o Leão da Tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos’” (AP, 5:5).

Aslam é o único personagem que aparece nos sete livros da série *As Crônicas de Nárnia* e sua representação no romance ativa sentimentos específicos do sublime, da esperança e do bem-estar que geralmente é dito ser provocado pelas divindades.

A obra de Lewis apresenta inúmeros valores morais e humanistas como a solidariedade, a tolerância e a bondade. Tais valores proporcionam ao leitor um nível de identificação com o personagem. Assim o autor aborda claramente uma divisão entre o bem e o mal, como por exemplo ao ressaltar a bondade, a lealdade e a misericórdia de Aslam e as características negativas da feiticeira e de seus súditos. Esses valores humanos aproximam o leitor desse mundo construído paralelamente.

Além disto, como escritor, Lewis reconhecia a importância dos contos de fada e o compromisso que era escrever para crianças, pois era por meio dos livros e dos mundos que criava que ele abordava realidades e assuntos delicados.

A literatura fantástica está entre as mais lidas do mundo. Este destaque ocorre devido às suas características e à sua maneira de apresentar a realidade de uma outra maneira. Em 1970, Tzvetan Todorov traz em *Introdução à Literatura fantástica* um estudo detalhado a respeito das características e da importância da literatura fantástica, definindo-a como um gênero vizinho do estranho e maravilhoso. Para ele “[o] fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1980, p.15). Para melhor defini-los, Todorov (1980, p. 15) apresenta o estranho como o que mais se aproximaria da realidade. Desta maneira, os fatos ocorridos podem ser explicados por parâmetros científicos. O maravilhoso por sua vez, é um acontecimento impossível à realidade humana, pertencendo, desta forma, a um mundo totalmente imaginário. Assim, o fantástico maravilhoso ocorre pela inexistência de uma explicação lógica para os outros mundos que normalmente aparecem nos contos de fada.

Com o passar dos anos a literatura fantástica evoluiu e tornou-se mais abrangente. Volobuef afirma que, com o passar do tempo, o gênero fantástico passou a abordar assuntos inquietantes para a natureza do homem, deixando de ser apenas uma narrativa de entretenimento para tornar-se uma narrativa problematizadora, que através do místico e dos seus mundos fabulosos aborda temáticas como desigualdade, política ou opressão. (VOLOBUEF, 2000). Deste modo, literatura fantástica, por meio de seus aspectos lúdicos, tende a estimular a criatividade e a ampliar a observação que possuímos do mundo. Essas características estimulam e incentivam jovens leitores, instigando a imaginação e estimulando a leitura como hábito.

O comprometimento de C. S. Lewis com os seus objetivos de escrever livros para crianças, a fim de que elas aprendam com o maravilhoso que ali se encontra, rendeu-lhe muita notoriedade. Ele foi premiado em 1956 com a Medalha Carnegie, pelo livro “A Última Batalha” (o último da saga), o qual traz ao leitor o final feliz esperado em todo conto de fadas. Devido ao grande sucesso de suas obras, em 1967, ocorreu a primeira adaptação de “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” com episódios de trinta minutos para TV. Em seguida, em 1979, o mesmo livro recebeu uma adaptação em desenho

animado. Em 1980, os quatro livros receberam uma adaptação em uma série para TV. Em 2005, a Disney lançou *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, uma adaptação para os cinemas que, por causa do grande sucesso, ocasionou a sequência *Príncipe Caspian*, que estreou em 2008. A última adaptação, desta vez feita pela 20th Century Fox, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, estreou em 2010. Em vistas disto, torna-se importante a presente pesquisa, pois consideramos a grande aceitação, por parte de leitores e de espectadores, da temática sempre atual e relevante e da riqueza do simbolismo presentes na série.

Para Alister Mcgrath “[o] imaginário reino de Nárnia é o feitiço que Lewis lançou para ajudar a quebrar o encantamento secular e abrir nossa imaginação e mente para outra possibilidade” (MCGRATH, 2014, p. 65). Assim, a história proporciona uma nova visão a respeito do mundo, mostrado através dos olhos de uma criança, moldando assim não somente nosso imaginário como também nossos pensamentos. Mcgrath (2014, p. 71) ainda afirma que “Lewis pode muito bem ter escrito os livros que ele teria gostado de ler quando criança – algo que excitasse sua imaginação e o ajudasse a oferecer o que ele mais tarde chamaria de ‘imaginativas boas-vindas’ para a fé cristã”. Por decorrência disso temos um universo fantástico, amplo e criativo, desenvolvido para ser atrativo e que permite ao leitor reconhecer na obra diversas referências aos clássicos mitos ao mesmo tempo em que reconhece os ensinamentos da fé cristã.

A obra, mesmo se tratando de uma literatura fantasiosa e trazendo personagens em sua maioria místicos, expõe ao leitor a profundidade da natureza humana. Para Colin Duriez (2005, p. 54), Lewis via além, “ele compreendia que esse vasto mundo antigo incorpora uma sabedoria notavelmente coerente sobre a natureza da nossa própria humanidade”. O autor apresenta em seu livro *Manual Prático de Nárnia*, o modo como Lewis coloca Aslam como o fio condutor da obra, assim como nas escrituras sagradas, o salvador que dá a sua vida para salvar outra, proporcionando assim um desvio que mudaria o final da história, “uma mudança notável e repentina em uma história que sinaliza a presença da graça” (DURIEZ, 2005, p. 58).

Lewis sempre destacou a importância em escrever para crianças e o modo como os contos de fadas influenciavam e auxiliavam em uma melhor compreensão do mundo real. Durante sua obra, Lewis recorda de alguns momentos de sua própria infância, transcrevendo personagens que, para ele, foram marcantes e dando a eles uma nova

perspectiva, segundo afirma David C. Downing (2002) em seu livro *C. S. Lewis, o Mais Relutante dos Convertidos*.

Partindo do que é observado no decorrer da obra de Lewis e levando em conta os dados já citados acima é possível perceber uma relação entre as *Crônicas de Nárnia* e as escrituras sagradas. O presente Trabalho de Conclusão de Curso reúne vários trechos coletados com o intuito de verificar a intertextualidade presente na obra; a importância dos arquétipos para a construção da narrativa e que paralelo teria o personagem Aslam com Jesus Cristo?

Raquel Lima Botelho (2012, p. 7), em “A intertextualidade Bíblica de As Crônicas de Nárnia de C. S. Lewis – Um Panorama” destaca em diversos cenários as referências bíblicas na obra, como por exemplo: livre arbítrio, fé e o constante desejo de Aslam em ensinar as crianças a viverem para um propósito maior.

Por conseguinte, podemos destacar na obra diversos trechos que se relacionam com a bíblia, entre outras imagens e simbologias utilizadas por Lewis, os quais fazem transparecer sua relação com a fé e ensinamentos cristãos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, no sentido de argumentar sobre a presença de elementos cristão na série de C. S. Lewis, foi de fundamental importância o estudo da função dos intertextos em textos. Segundo Michel Riffaterre (1980, p. 4) o intertexto “é a percepção pelo leitor de relação entre uma obra e outras, que a precederam ou as sucederam”. Baseando-se nessa afirmação, podemos observar que é o leitor que capta a relação apresentada entre uma obra e outra, assim, como declara Roland Barthes (1982, p. 5) “a unidade do texto não reside em sua origem, mas em seu destino[...]”. Já para Julia Kristeva (1974, p. 440): “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Assim, pretendemos identificar as semelhanças da obra com as passagens bíblicas.

O primeiro estudioso a trabalhar com esta temática foi Mikhail Bakhtin, mas o termo proposto por ele foi “dialogismo”. Para ele todo texto se constrói a partir de outro, e nesta construção temos “o sujeito que escreve” e “autor que parodia” e a partir deste diálogo entre os sujeitos é que se dá a construção dos sentidos. Em 1967, no entanto, Kristeva surge com o termo “intertextualidade” expondo que nenhum texto pode ser considerado “puro”, sem nenhuma intervenção de outros textos. Em sua teoria ela explica

que o autor busca em sua memória discursiva e coloca isto no texto. Porém, a forma como o texto será escrito vem do estilo e conhecimento de mundo do autor.

Segundo Kristeva, a intertextualidade só ocorre quando o leitor encontra aspectos de um texto em outro. Desta maneira a intertextualidade se dá primeiramente de duas formas: explícita e implícita. Na primeira ela ocorre através da explicitação da fonte, citações e referências a outros textos. Já na forma implícita ela acontece sem que a fonte seja dita, mas sim com o uso de paródia, ironia, paráfrase e personificação, temos então a utilização de arquétipos.

O termo arquétipo se origina da palavra grega *arché* que nos remete a um modelo inicial de algo. Na contemporaneidade diversas histórias são contadas, as quais constroem mundos diversos e completos. Estes universos presentes nas narrativas por meio de mitologias ou simbologias retratam sentimentos reais antes já presenciados pela sociedade. Neste sentido, o arquétipo está armazenado no inconsciente social. De acordo os estudos de Carl Gustav Jung e Joseph Campbell há padrões psicológicos que são possíveis de destacar, tornando-os arquétipos. Segundo Jung (1988, p. 48), “[o]s arquétipos são formas sem conteúdo, correspondendo a possibilidades latentes de manifestação. São análogos aos instintos – elementos autônomos da psique inconsciente”.

Valéria Casaroto Feijó (2017, p. 2) afirma que os arquétipos caracterizam-se por serem uma ferramenta que representa os traços de perfis psicológicos, enfatiza personalidades e situações que são vistas na rotina da vida humana, fazendo com que ocorra a identificação de um público com um personagem que se ocupa de suas características. Considerando esta afirmação é possível perceber que no romance o Leão Aslam é um arquétipo de Jesus Cristo.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro traz um estudo sobre os arquétipos, assim como verificados por Carl Gustav Jung e, principalmente, como estudados por Joseph Campbell, procurando contextualizar com alguns dos principais laços arquetípicos encontrados na série. Ao longo desse capítulo abordaremos como a narrativa utilizou-se de arquétipos para construir e manter sua história, dando enfoque em representações do inconsciente coletivo.

O segundo capítulo diz respeito à análise propriamente dita, a qual utiliza diretamente as noções de arquétipo estudadas e orienta-se pelo percurso do intertexto, principalmente, sob o enfoque particular do dialogismo feita por Mikhail Bakhtin, entre



outros. Nesse capítulo, existe um estudo aprofundado do personagem Aslam, com o intuito de mostrar que, ao confiar na imagem arquetípica do sábio ou do mago, ele preconiza como um forte laço com as principais ideias do cristianismo. Para a análise da obra, trabalharemos a intertextualidade subentendida e presente na obra de Lewis, e a forte relação entre a obra e seus arquétipos.

## 1. CAPÍTULO 1: MITOS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

A literatura surgiu a partir da necessidade humana de se expressar e de representar o mundo. Deste modo, em sua maioria, baseia-se em mitos e arquétipos que desde o princípio estiveram presentes na mente humana, assim, os arquétipos e mitos constroem as ideias que regem uma narrativa. A mitologia reúne histórias que são consideradas os “registros” mais antigos e essenciais de toda a humanidade. A palavra mito de origem grega *mythos* refere-se a um relato imaginário que foi fixado ao longo dos anos, uma narrativa fantástica que incorpora sentimentos e características humanas; porém não tem sua existência comprovada. O mito expressa uma linguagem por meio da qual somos capazes de nos relacionar com os mistérios da vida e perceber o significado de nossas experiências. No entanto, o universo tratado pelos mitos tem suas próprias leis e sua própria realidade. Ao invés de conceitos e fatos que traduzem um sentido lógico ao enredo, encontramos padrões de imagens irracionais, cujos significados devem ser discernidos ou vivenciados pelo ser humano. Descobrir esses padrões de significado é o que Jung quis dizer com a abordagem simbólica no estudo das religiões, dos mitos e dos sonhos.

Na relação com os mitos, estão os arquétipos. As imagens arquetípicas representam os vários estágios do drama da vida simbolizado, essencialmente, pelo mito do Herói. Elas fluem a partir de um estágio inicial, em nível de inconsciência, segundo o que Jung formula em sua teoria, e se desenvolvem por meio de vários estágios da “luta heroica”, como Campbell verificou com seus estudos sobre os mitos elaborados por diversos povos. O estágio final mostra a integração da vida que atinge seu pleno potencial, na medida em que uma relação entre o “humano” e o “divino” foi reestabelecida. Assim, nos tornamos verdadeiros e podemos entender melhor nossa missão neste mundo.

A fim de que possamos posteriormente analisar um paralelo entre Aslam e suas afinidades simbólicas com o cristianismo, este capítulo mostra uma breve abordagem sobre alguns conceitos e pensamentos essenciais sobre o mito e o arquétipo, mostrando seu fator dinâmico no curso de histórias como as que se encontram em *As Crônicas de Nárnia*. Nesse sentido, algumas noções sobre a teoria de Jung e a de Campbell serão potencialmente essenciais.

## 1.1 MITOS E SEUS SENTIDOS NO MUNDO

Com a intenção de transmitir as experiências vividas, a humanidade desenvolveu, por meio do imaginário, diversas explicações para acontecimentos extraordinários ao longo dos anos. Desta maneira a linguagem está diretamente ligada à construção da sociedade e de seus valores. Através do imaginário, o ser humano procura explicar a condição humana, retratando pelos mitos situações diversas que caracterizam um povo e expõem como sua sociedade vivia. Neste sentido, desde a criação do mundo, o nascimento de civilizações ou a origem dos deuses, os mitos abordam as temáticas variadas e fundamentais para a sociedade. Assim, os mitos eram passados de geração a geração e tornavam-se parte da vida de cada membro de uma sociedade.

No decorrer dos anos a importância dos mitos tornou-se puramente artística, tornando-se uma herança da civilização e, pelas narrativas, eles se mantêm vivos até os dias de hoje. Para Bakhtin (1981, p. 234), é através da palavra que o homem elabora sua concepção do mundo:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável, de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.

Para Jung (1988, p. 84), a existência dos mitos compartilhados era prova viva de que parte da psique humana contém ideias preservadas em um tipo de estrutura que ele denominou de “memória coletiva”. Desta maneira, a mitologia auxilia na compreensão das projeções do inconsciente, sendo que cada personagem apresenta um vínculo com uma

característica e situação já existente, tornando-se uma representação da conduta do homem. Temos na Bíblia Sagrada uma forte representação de uma transmissão de conduta que ultrapassa tempo e espaço.

Assim, os mitos são um conjunto de experiências vividas no decorrer dos anos, pelas quais em diferentes épocas o ser humano passa, segundo Jung (1988). Deste modo, ao ser passado de geração a geração, o mito, recebe um novo formato, de acordo com a sua época, mas a experiência narrada é a mesma. O psicanalista afirma que os símbolos míticos passam em nossas vidas quase que de maneira inconsciente e se expressam através de uma linguagem simbólica, assim quando detectada a presença de um personagem mitológico ocorre na psique um processo de identificação, uma manifestação arquetípica.

Para Campbell (1991, p. 73):

Nem em corpo nem em alma habitamos o mundo daquelas raças caçadoras do milênio paleolítico, a cujas vidas e caminhos de vida, no entanto, devemos a própria forma dos nossos corpos e a estrutura das nossas mentes. Lembranças de suas mensagens animais devem estar adormecidas, de algum modo, em nós, pois ameaçam despertar e se agitam quando nos aventuramos em regiões inexploradas. Elas despertam com o terror do trovão. E voltam a despertar, com uma sensação de reconhecimento, quando entramos numa daquelas grandes cavernas pintadas. Qualquer que tenha sido a escuridão interior em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam, em seus tranSES, algo semelhante deve estar adormecido em nós, e nos visita à noite, no sono.

Portanto, os mitos são “sonhos arquetípicos” (JUNG, 1988). Esses sonhos narram a história da evolução desde a sua origem e por meio de suas simbologias, sejam elas pinturas, templos ou a própria literatura e ajudam o homem a entender sua realidade. Símbolos antes expressos através de antigas crenças passam então a fazer parte do inconsciente coletivo do homem, uma herança que toda a humanidade possui em comum.

Por sua vez, a literatura tem como uma de suas maiores fontes esta herança de simbologias da qual toda civilização, por menor que seja, desfruta. Esta inspiração literária desperta no inconsciente de cada leitor uma identificação com a obra e com seus arquétipos, pois é pela literatura que compreendemos parte de nossa identidade cultural. A literatura guarda em seu interior, ensinamentos e tradições que se construíram no decorrer dos anos. São histórias que narram a busca do homem pelo conhecimento de sua própria história.

A Bíblia, por exemplo, apresenta, em suas histórias, sentimentos do coração humano. Assim, os símbolos e os personagens nela presentes oferecem ao homem uma conduta que se opõe ao seu instinto inicial e primitivo, estabelecendo arquétipos que ficaram gravados no inconsciente humano. Desta maneira Jung afirma que o símbolo deve acertar o arquétipo: “Um símbolo não traz explicações, impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscurante pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória” (JUNG, 1984, p. 236).

## 1.2 PERSONAGENS DOS MITOS GANHAM STATUS DE ARQUÉTIPOS

A palavra arquétipo, do grego *arché*, que significa principal ou princípio, e *tipós*, que é impressão ou marca, foi usada inicialmente com a intuito de indicar um modelo inicial para outras ideias. O conceito de arquétipos conhecido atualmente definiu-se a partir dos estudo do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, o qual utilizou-se do termo no seu estudo sobre o inconsciente coletivo. Freud definiu o inconsciente como uma espécie de repositório de memórias não mais utilizadas, de “conteúdos esquecidos” (JUNG, 2014, p. 11). Segundo Jung, os arquétipos nascem ao longo das experiências vividas ao longo dos anos e com a passagem das gerações. Assim, os arquétipos são como heranças deixadas por ancestrais para uma civilização, podendo ser considerados um conjunto de crenças.

Jung aponta em seus estudos que o ser humano possui um inconsciente, sendo parte dele individual, ou seja, “conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos” (JUNG, 2014, p. 12), e que registra apenas suas próprias questões. Outra parte coletiva que se origina de experiências coletivas, ou seja, essas aquisições são desfrutadas por todos os seres de uma civilização, “[...] são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2014, p. 12). Este produto do inconsciente coletivo é denominado por Jung como arquétipos, a forma imaterial à qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar; modelos inatos que servem de matriz para o desenvolvimento da psique, e “figuras simbólicas da cosmovisão primitiva” (JUNG, 2014, p. 13). Segundo Jung, o inconsciente coletivo

[...] parece se constituir de motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são seus reais representantes. De fato, a mitologia como um todo poderia ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo [...]. Portanto, podemos estudar o inconsciente coletivo de duas maneiras: ou na mitologia ou na análise pessoal (JUNG, 1988, p. 325).

Portando os arquétipos são “estruturas básicas e universais da psique; os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos” (Hillman, 1992, p. 22) que exploram experiências imaginais, assim, se manifestando em diferentes níveis. Carlos Augusto Serbena (2010) afirma que “[...] se o padrão arquetípico materno está constelado na psique, há a imagem da mãe, existindo então uma vontade ou impulso para comportamentos e atitudes de cuidado a outras pessoas e, desse modo, uma tendência a perceber o mundo sob a ótica do cuidado”.

A mente humana está repleta de arquétipos, estes estão relacionados a situações tipicamente cotidianas, as quais Jung sugere terem sido construídas a partir da repetição da mesma situação no decorrer dos anos, definindo então um padrão de comportamento comum à humanidade. Esta utilização do inconsciente não opera de maneira racional; portanto, “estas imagens devem ser consideradas como se apresentassem descrições de nós mesmos, ou de nossas situações inconscientes, na forma de analogias ou parábolas” (Whitmont, 1991, p. 35), sendo apresentadas através da similaridade existente.

Sua existência se torna independente de cada ser humano, como um fundo psíquico. Desta maneira, o inconsciente coletivo funciona como um depósito de estruturas e padrões comportamentais, fazendo uma junção da natureza humana sem levar em conta o tempo. De acordo com Jung, manifestam-se a partir de símbolos na vida cotidiana, “um terreno, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós” (JUNG, 2014, p. 18). Além destas manifestações, os arquétipos podem também aparecer em mitos, sobre os quais a humanidade construiu parte de sua história.

A literatura possui grande importância no que diz respeito a enfatizar arquétipos, temos em nossas mentes claras imagens que podem nos remeter a personagens, assim, mitos e contos de fada são uma exteriorização dos arquétipos do inconsciente; personagens que nos remetem a um padrão de comportamento, como por exemplo, o fora-da-lei ou o herói são lembrados como arquétipos.

Campbell direcionou parte dos seus estudos para compreender o arquétipo do herói. Em seu livro *O Herói de Mil Faces* (2000), Campbell apresenta a trajetória do herói em uma narrativa, destacando-o dentro de um modelo padrão, uma vez que está presente na quase totalidade dos mitos:

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente (sic) honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. (CAMPBELL, 2004, p. 21).

Campbell divide a trajetória do herói em três partes, “[...] nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito.” (CAMPBELL, 2004, p. 17). Assim, “[u]m herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 2004, p. 18). Quanto à sua jornada, Campbell a separa em 12 estágios: Mundo Comum, O Chamado da Aventura, Recusa do Chamado, Encontro com o Mentor, Cruzamento do Primeiro Portal, Provações, Aliado e Inimigos, Aproximação, Provação Difícil, Recompensa, O Caminho de Volta, Ressurreição do Herói e o Regresso com o Elixir. De acordo com o autor este é o padrão seguido por diversas narrativas, em diversas culturas.

Geralmente movido pela busca da plenitude, em toda a trajetória, ressalta-se a capacidade do herói em sacrificar-se para atingir sua meta, a qual define quem ele é e também muda o destino de seu povo. Campbell (2004, p. 241-242) resume a trajetória do herói da seguinte forma:

O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento, crucifixação). Além do limiar, então, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado),

pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez se as forças se tiverem mantido hostis a ele – , pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rpto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No limiar de retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir).

A partir disso, o autor estabelece como primeiro estágio a retirada do herói da cena mundana e inicia sua jornada onde residem as dificuldades. Em consequência disso o segundo estágio se refere a sua volta e o ensinamento das lições de vida aprendidas no estágio um. Esta trajetória significa para o herói um período de descobertas e de autoconhecimento.

É importante ressaltar que o arquétipo de um herói nem sempre está destinado ao protagonista de uma obra, e que muitas vezes o personagem pode possuir características de mais de um arquétipo como, por exemplo, na obra que estudamos. Em *As Crônicas de Nárnia*, Aslam apresenta tanto o arquétipo de herói quanto o de sábio. Ele é um personagem complexo e apresenta um grande apelo de significado, além da possibilidade de gerar grande identificação por parte do leitor.

A figura do herói, assim como a do sábio estão profundamente enraizadas no imaginário e a moralidade humana, os quais inspiram modelos e constroem arquétipos. Desta maneira a figura arquetípica o herói é formada de superação e coragem perante uma situação que demanda um esforço extraordinário.

[E]les [os arquétipos] só são determinados em sua forma e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial [arquétipo] só tem conteúdo determinado a partir do momento em que se torna consciente e é, portanto, preenchida pelo material da experiência consciente (JUNG, 1988, p. 352).

Deste modo podemos perceber que herói é histórico e nasce de acordo com a necessidade e situação na qual se encontra. Podemos destacar também que o herói, enquanto representação simbólica e arquetípica, é de grande importância para a formação de uma civilização. Assim mitos, símbolos e arquétipos definem a história de um povo,

configurando situações e condições fundamentais para a existência e abertura de um mundo trans-histórico, portanto, revelando comportamentos históricos da condição humana.

Neste sentido, os estudos de Jung e de Campbell são de grande relevância, pois buscam apresentar a existência lógica existente entre mitos, símbolos, arquétipos e a sociedade. Desta forma, utilizaremos de suas teorias para traçarmos um estudo das formulações simbólicas em *As Crônicas de Nárnia*, principalmente no que diz respeito aos elementos do discurso bíblico-cristão encontrados nos textos de C. S. Lewis.



## 2. CAPÍTULO 2: UM PARALELO ENTRE DOIS MUNDOS: ELEMENTOS CRISTÃOS EM NÁRNIA

Neste capítulo, além de observarmos, de forma sucinta, algumas informações sobre o autor e sobre a obra do *corpus* desta pesquisa, apresentamos uma breve análise de pontos que consideramos importantes para a verificação do paralelo entre algumas das semelhanças entre Aslam, tomado como o arquétipo tanto do herói como do sábio e algumas situações contidas em capítulos e versículos da Bíblia Sagrada Cristã. Achamos importante novamente ressaltar que *As Crônicas de Nárnia*, embora seja um livro direcionado ao público infantil, apresenta um texto denso e profundo, de difícil compreensão, quando observado pelo viés da crítica arquetípica. Para este Trabalho de Conclusão de Curso, achamos justo e coerente que tratemos apenas de alguns olhares às semelhanças textuais que se construíram exatamente por causa dos traços arquetípicos existentes entre os textos. Assim, apenas algumas partes tanto da série quando do texto bíblico foram consideradas – a criação, a ressurreição, o apocalipse e as semelhanças arquetípicas entre Aslam e Jesus Cristo.

### 2.1 O AUTOR DE AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

Clive Staples Lewis, comumente referido como C. S. Lewis, nasceu na Irlanda, no dia 29 de novembro de 1898 e morreu na Inglaterra, a 22 de novembro de 1963. Foi professor, escritor, teólogo e crítico literário. Destacou-se no mundo da literatura devido às suas palestras e escritos cristãos, como também pela série de sete livros de fantasia intitulada *As Crônicas de Nárnia*. Lewis dedicou grande parte da sua vida em pesquisa acadêmica sobre literatura medieval e apologética cristã, produzindo, em 1936, *A Alegoria do Amor: Um Estudo da Tradição Medieval*, considerada uma das mais importantes obras do autor, a qual lhe rendeu o Prêmio Gollanz.

No período da II Guerra Mundial, tornou-se conhecido como o “apóstolo dos cétricos”, devido às suas palestras que eram transmitidas aos soldados via rádio. A partir deste momento sua fé e crenças tornaram-se temas relevantes em sua obra, gerando textos

de grande relevância para o universo cristão, como, por exemplo, *Milagre* (1947) e *Cristianismo Puro e Simples* (1952). Dentre eles os que mais se destacaram foram *As Crônicas de Nárnia*, série de sete livros de fantasia composta pelos contos “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” (1950), “Príncipe Caspian” (1951), “A Viagem do Peregrino da Alvorada” (1952), “A Cadeira de Prata” (1953), “O Cavalo e seu Menino” (1954), “O Sobrinho do Mago” (1955) e “A Última Batalha” (1956). Podemos notar que a sequência dos contos para a leitura não é a mesma da que foi publicada.

Reconhecido pela sua criatividade, imaginação e inteligência, Lewis possuía um olhar muito crítico quanto às suas obras, estando sempre preocupado com a aceitação do público. O autor destacou:

Não preciso lembrar o público a quem me dirijo de que a classificação rígida dos livros segundo faixas etárias, tão cara a nossos editores, tem uma relação muito vaga com os hábitos dos leitores reais. Aqueles que são censurados quando velhos por lerem livros de criança também eram censurados quando crianças por lerem livros escritos para os mais velhos. Nenhum leitor que se preze avança obedientemente de acordo com um cronograma. A distinção, portanto, é sutil; e não sei exatamente o que me fez sentir, num determinado ano de minha vida, que o que eu devia escrever – ou deixar jorrar – não era somente um conto de fadas, mas exatamente um conto de fadas para crianças. Em parte, acho que essa forma me permite, ou obriga, a deixar de fora certas coisas que eu queria mesmo deixar de fora: obriga-me a concentrar toda a força do livro nas palavras e atos dos personagens. Ela coíbe o que um crítico generoso, mas perspicaz, chamou de —o demônio expositivo que vive em mim, e também impõe certas restrições muito frutíferas ao tamanho da obra (2009, p. 746).

Desta maneira, Lewis sempre procurou despertar a imaginação em cada leitor, independente de quem lesse sua obra, buscando a atemporalidade.

## 2.2 UM POUCO SOBRE AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

Embora C. S. Lewis não seja reconhecido pela sua poesia, sabemos que seu estilo narrativo é intensamente poético e *As crônicas de Nárnia* não se revela diferente. A série de contos mostra uma excepcional articulação do processo criativo e, certamente, é considerada a obra de maior destaque do autor. Segunda a editora Harper Collins (2013):

Uma clássica série de sete contos que vendeu mais de 100 milhões de cópias ao redor do mundo, *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, começou com a publicação de —O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, em 1950. [...] O título final da série, —A última batalha, foi premiado com a mais alta marca de excelência em literatura infantil, o prestigiado Carnegie Award.

Dentre os sete contos, três foram adaptados para o cinema, *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (2005), dirigido por Andrew Adamson; *As Crônicas de Nárnia: Príncipe Caspian* (2008), do mesmo diretor; *As Crônicas de Nárnia: A Viagem do Peregrino da Alvorada* (2010), com direção de Michael Apted. Após a adaptação fílmica, em 2005, observou-se um grande aumento na venda dos livros, destacando-o atualmente como um dos livros mais vendidos nos principais sites de compras. Devido a esse tamanho sucesso, sua editora original Harper Collins em 2010, lançou uma edição especial.

Além disto, principalmente após sua aparição nos cinemas, o livro foi traduzido para mais de trinta idiomas. Teve sua primeira publicação completa no Brasil, realizada pela ABU Editora. Porém, atualmente, esta edição pertence a WMF Martins Fontes, a qual publicou a obra pela primeira vez em 2002. As ilustrações, originalmente feitas por Pauline Baynes, eram compostas por desenhos suaves direcionados ao público infantil, as quais introduziam cada capítulo. Quanto à ilustração destacam-se os mapas, que, no meio dos capítulos, situavam o leitor quanto ao universo de Nárnia.

Ainda que, como vimos, a ordem cronológica das publicações dos contos contidos em *As Crônicas de Nárnia* sejam relevantes e significativas, neste trabalho, estabelecemos outra ordem de apresentação das análises, que segue da seguinte forma: “O Sobrinho do Mago”; “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” e “A Última Batalha”. Esta composição nos auxiliou no processo de organização dos principais pontos de intertextualidade cristã presente na obra.

### 2.3 A CRIAÇÃO: “O SOBRINHO DO MAGO” (1955)

Inicialmente, no Brasil, a obra recebeu o nome de *Os Anéis mágicos*, publicada em 1955. A narrativa começa quando Digory e Polly entram no gabinete do excêntrico tio André. Lá os jovens encontram anéis mágicos que possuem o poder de transportar quem os

toque para outro universo. Incentivada por Digory, Polly encosta no anel e desaparece, o jovem apavorado parte para o outro mundo em resgate de sua amiga. Ao se encontrarem, os jovens ouvem Aslam cantando a criação do mundo de Nárnia. Em uma de suas viagens, Polly e Digory libertam acidentalmente a Feiticeira Branca, inicialmente conhecida por Jadis. O conto tem como personagens principais Digory Kirke, um menino de doze anos sobrinho de André Ketterley, o mago; Polly Plummer, amiga e vizinha de Digory; Jadis, a Feiticeira Branca e Aslam, o criador de Nárnia.

Segundo o estudioso Colin Duriez (2005, p. 235) o tempo no universo de Nárnia passa de maneira diferente do nosso mundo:

Nárnia, por ser um outro mundo, tem um tempo que só ocasionalmente sincroniza com o tempo de nosso mundo. Isso acontece quando as pessoas entram em Nárnia através de portais (tais como o guarda-roupa) ou são convocados para entrarem nela. Não importa quanto tempo alguém passou em Nárnia, pois não há passagem de tempo quando eles retornam. Portanto, os eventos descritos nas Crônicas abrangem apenas cerca de cinquenta anos do nosso tempo (1900 – 1949 d.C.), mas na verdade se passaram 2.555 anos no tempo de Nárnia.

Narrada na era vitoriana, a história começa em Londres. Porém, em seu decorrer, as personagens viajam por outros mundos, como Charn, País de Ruínas, comandados pela feiticeira; o Mundo do Nada que no decorrer da narrativa torna-se Nárnia e o Bosque Entre os Mundos, assim descrito:

Não é possível imaginar bosque mais calmo. Não havia pássaros, nem insetos, nem bichos, nem vento. Quase se podia sentir as árvores crescendo. O lago de onde acabara de sair não era o único. Eram muitos, todos bem próximos uns dos outros. Tinha-se a impressão de ouvir as árvores bebendo água com suas raízes. Mais tarde, sempre que tentava descrever esse bosque, Digory dizia: ‘Era um lugar rico: rico como um panetone’. (LEWIS, 2011, p. 20).

Mesmo se tratando do primeiro livro em ordem de leitura, “O Sobrinho do Mago” foi somente o sexto livro a ser publicado. Nele queremos destacar a maneira como C. S. Lewis descreve a criação da Nárnia, e como esta se parece com a criação presente no livro de Gênesis, primeiro livro da Bíblia Sagrada.

O livro de Gênesis, primeiro livro da Bíblia Sagrada foi escrito por Moisés, aproximadamente no século XV a.c. Nele encontramos em seus capítulos iniciais a narração da criação do mundo:

<sup>1</sup>No princípio criou Deus o céu e a terra. <sup>2</sup>E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. <sup>3</sup>E disse Deus: Haja luz; e houve luz. <sup>4</sup>E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. <sup>5</sup>E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. <sup>6</sup>E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. <sup>7</sup>E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi. <sup>8</sup>E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo. <sup>9</sup>E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. <sup>10</sup>E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom. <sup>11</sup>E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi. <sup>12</sup>E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. <sup>13</sup>E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro. <sup>14</sup>E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. <sup>15</sup>E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi. <sup>16</sup>E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas. <sup>17</sup>E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra, <sup>18</sup>E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom. <sup>19</sup>E foi a tarde e a manhã, o dia quarto. <sup>20</sup>E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. <sup>21</sup>E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. <sup>22</sup>E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. <sup>23</sup>E foi a tarde e a manhã, o dia quinto. <sup>24</sup>E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi. <sup>25</sup>E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. <sup>26</sup>E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. <sup>27</sup>E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (GN, 1:1-27)

No capítulo inicial temos, então, os seguintes personagens principais: Deus, o criador; Adão e Eva, as criações, e a serpente como uma personificação do mal. A narrativa se passa no Jardim do Éden, o qual acaba de ser criado. Certamente, não discutiremos a natureza do sagrado e da crença, uma vez que um dos objetivos deste trabalho é mostrar a possibilidade de paralelo intertextual ente *As Crônicas de Nárnia* e a Bíblia. Desta maneira,

podemos observar a semelhança entre os dois trechos quando no final do conto “O Sobrinho do Mago”. Aslam, que representaria a personificação da divindade, comanda com suas palavras a criação de um novo mundo:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda. Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. Podia-se ouvir a brisa encrespando a relva. E surgiam outras coisas além da relva. As mais altas encostas iam ficando escuras de urzes. Manchas de um verde mais intenso apareciam no vale. Digory não sabia ainda o que eram, até que surgiu uma pertinho dele: uma coisinha espigada que ia lançando braços para os lados, e os braços se cobriam de verde e iam ficando maiores a uma grande velocidade. Havia muitas dessas coisas à sua volta agora. Quando ficaram quase do seu tamanho, viu o que era: – São árvores! – Exclamou. (LEWIS, 2011, p. 59)

Dentre suas semelhanças, podemos observar que, após a criação do mundo, tanto Aslam quanto Deus entregam ao homem o domínio do que foi criado. Tanto a vegetação quanto os animais são dados para que o ser humano o controle, como podemos observar no trecho, “Aslam ordenou que Franco e Helena se ajoelhassem diante dele. Colocou-lhes as coroas na cabeça e disse: – Levantem, rei e rainha de Nárnia, pai e mãe de numerosos reis de Nárnia e das Ilhas e de Arquelândia” (LEWIS, 2011, p. 95).

<sup>19</sup>Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.

<sup>20</sup>E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. (GN, 2:19,20)

Outro aspecto que as obras possuem em comum é a apresentação de uma tentação. Na Bíblia temos o fruto proibido gerado pela Árvore da Vida, tradicionalmente apresentado como uma maçã. Na série de Lewis a tentação é representada por um sino. Neste momento, Digory é colocado em provação ao querer tocar o objeto proibido que encontra: “O estilo devia ser melhor, mas o sentido dos dizeres era o seguinte: Ousado aventureiro, decida de uma vez: Faça o sino vibrar e aguarde o perigo Ou acabe louco de tanto pensar: ‘Se eu

tivesse tocado, o que teria acontecido? ” (LEWIS, 2011, p. 33). No conto o aviso é dado através de escrituras. Na Bíblia, por sua vez, o homem é alertado por meio do próprio Deus dos perigos do proibido:

<sup>15</sup>E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. <sup>16</sup>E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, <sup>17</sup>Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (GN, 2:15-17).

Outra semelhança presente em ambas as obras são as tarefas designadas para o homem através de seu criador. Em “O Sobrinho do Mago”, podemos verificar o seguinte:

– Meus filhos – disse Aslam, fixando os olhos no casal -, vocês serão os primeiros rei e rainha de Nárnia. [...] – Reinarão sobre estas criaturas e a elas darão nomes, e farão justiça, e as protegerão dos inimigos quando os inimigos vierem. E eles virão, pois há uma feiticeira do mal neste mundo (LEWIS, 2011, p. 75).

Por meio dos trechos citados acima percebemos a relação estabelecida entre as obras e a alusão que Lewis faz ao utilizar-se de um texto que retrata parte da cultura de um povo. Desta maneira estabelece-se um diálogo entre os dois textos, tornando possível ao leitor, que tenha conhecimento das duas obras, estabelecer uma relação entre elas. Não se pode afirmar que está tenha sido a real intenção do autor. Porém, são perceptíveis as semelhanças, arquétipos que possibilitam uma identificação por parte do leitor.

#### 2.4 A RESSURREIÇÃO: “O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA” (1950)

O conto *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* contam a história de quatro crianças: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia Pevensie, que durante os bombardeios em Londres, vão morar com um professor. Enquanto hospedados nesta casa de campo encontram um guarda-roupa que serve de portal entre o nosso mundo e Nárnia. Ao chegarem à Nárnia deparam-se com um rigoroso inverno, efeito do castigo da feiticeira. Os jovens tomam conhecimento de uma profecia que descreve a volta dos dois filhos de Adão

e duas filhas de Eva, que assumiriam o governo de Nárnia e salvariam seu povo. É em Nárnia que as quatro crianças passam por diversas aventuras que definiriam seu destino.

No decorrer dos anos, os humanos tornaram-se extintos em Nárnia. A chegada dos quatro irmãos causa espanto ao povo:

[...]Era um fauno. Quando viu Lúcia, ficou tão espantado que deixou cair os embrulhos.

– Ora bolas! – Exclamou o fauno.

[...]– Boa noite – disse Lúcia. Mas o fauno estava tão ocupado em apanhar os embrulhos que nem respondeu. Quando terminou, fez-lhe uma ligeira reverência:

– Boa noite, boa noite. Desculpe, não quero bancar o intrometido, mas você é uma Filha de Eva? Ou estou enganado?

– Meu nome é Lúcia – disse ela, sem entender direito.

– Mas você é, desculpe, o que chamam de menina?

– Claro que sou uma menina – respondeu Lúcia. – Então é de fato humana? – Evidente que sou humana! – Disse Lúcia, bastante admirada.

– É claro, é claro – disse o fauno. – Que besteira a minha! Mas eu nunca tinha visto um Filho de Adão ou uma Filha de Eva. Estou encantado. Isto é... – e aí parou, como se fosse dizer alguma coisa que não devia. – Encantado, encantado – continuou. – Meu nome é Tumnus. (LEWIS, 2011, p.108).

Os termos “filhos de Adão” e “filhas de Eva” são utilizados no livro para referir-se aos primeiros humanos da criação, o que os tornava herdeiros do trono de Nárnia.

Assim que a notícia de sua chegada se espalha, a feiticeira passa a persegui-los. Ao perceber que seu reinado acabaria, a rainha seduz Edmundo com as riquezas do castelo. Esta atração pelo luxo ocasiona a traição do menino para com os seus. Em ambas as narrativas a traição acontece com uma “moeda de troca”. Em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, Edmundo troca sua lealdade e as informações por comida:

Enquanto ele comia, a rainha não cessava de fazer-lhe perguntas. A princípio, lembrou-se de que é feio falar com a boca cheia, mas logo se esqueceu, absorto na ideia de devorar a maior quantidade possível de manjar turco. E quanto mais comia, mais tinha vontade de comer. Nem quis saber por que razão a rainha era tão curiosa. Aos poucos, ela foi-lhe arrancando tudo: tinha um irmão e duas irmãs; uma das irmãs já conhecia Nárnia e tinha encontrado um fauno; [...]. (LEWIS, 2011, p. 119).

Judas, por sua vez, trai a Cristo em troca de moedas de prata, “<sup>14</sup> Então, um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes <sup>15</sup> e lhes perguntou:



‘O que me darão se eu o entregar a vocês?’ E fixaram-lhe o preço: trinta moedas de prata.’ (MT, 26, 14-15).

Quando acontece o resgate do irmão de dentro do castelo, a Feiticeira Branca traz à tona um antigo tratado de Nárnia que exigia o sacrifício de sangue inocente para apagar a traição: “Se alguém conhece tão bem quanto eu o poder mágico a que o Imperador sujeitou Nárnia desde o princípio dos tempos, esse alguém é você. Sabe que todo traidor, pela lei, é presa minha, e que tenho direito de matá-lo! (LEWIS 2011, p. 170). De acordo com o tratado, Aslam deveria ser sacrificado para que a traição do menino fosse perdoada.

Antes do sacrifício ser cumprido, em ambas as obras o salvador é humilhado e amordaçado de modo que o mal ganha força perante sua fraqueza aparente:

Uma gargalhada mesquinha ressoou quando um ogre, de tesoura na mão, avançou e se pôs de cócoras junto da cabeça do leão. Zip, zip, zip – a tesoura rangia, e montes de caracóis dourados tombavam ao chão. O ogre afastou-se, e, do esconderijo, as meninas puderam ver o rosto de Aslam, pequenino e tão diferente sem a juba! Os inimigos também notaram isso: – Vejam: não passa de um gato!

[...]– Amordacem-no! – Gritou a feiticeira. Mesmo agora, quando lhe punham a focinheira, uma dentada dele bastaria para decepar, pelo menos, as mãos de dois ou três. Ao vê-lo amordaçado e amarrado, os mais covardes ganharam ânimo. Por instantes, as meninas nem sequer conseguiram vê-lo, rodeado como estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspiam-lhe em cima, insultava-o. (LEWIS, 2011, p. 175-176)

Estes atos de zombaria e humilhação também ocorrem no Novo Testamento perante a crucificação de Cristo: “Então, os soldados do governador [...] reuniram toda a tropa ao seu redor [Jesus]. Tiraram-lhe as vestes [...] e zombavam ‘Salve, rei dos judeus!’ Cuspiram nele e, tirando-lhe a vara, batiam-lhe com ela na cabeça” (MT, 27:27-30).

Quando Aslam aceita o tratado, honra seu compromisso. Desta maneira, o sacrifício de sangue inocente garantir-lhe-ia a ressurreição: “[...]se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás [...]” (LEWIS, 2011, p. 181) Dias depois o leão retorna, garantindo paz ao povo de Nárnia. Assim também ocorre na passagem bíblica quando três dias após sua morte, Cristo retorna dos mortos garantindo a salvação do povo: “[...]Ele ressuscitou dentre os mortos e está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão. Notem que eu já os avisei” (MT, 28-7).

“O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa”, assim como “O Sobrinho do Mago”, tem como espaço inicial uma Londres vitoriana. No decorrer de sua narrativa apresenta ao leitor outros espaços transitórios como a casa do professor Kirke ou o guarda-roupa que serve de portal para Nárnia. O reino de Nárnia, que inicialmente é apresentado em ruínas, sofre grande transformação após o termino da missão dos quatro irmãos, simbolizando a salvação do povo.

O livro bíblico ao qual fizemos alusão, Livro de Mateus, é o primeiro livro do Novo Testamento. Ele representa o início de um novo tempo para o povo. O livro representa o auge do cristianismo já que retrata a passagem de Jesus e seus feitos, o que podemos analisar também em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Deste modo independente das estruturas diferentes, percebemos que ambas as obras tratam de questões importantes para os seres humanos, mais uma vez tornando possível por parte do leitor uma identificação com a temática, e também uma associação entre as obras. Conforme já afirmado por Kristeva, todo texto se configura como um mosaico de citações (1974, p. 64), englobando assim todos os pontos de intertextualidades apresentados.

## 2.5 O FINAL: “A ÚLTIMA BATALHA” (1956)

O último conto a ser analisado, intitulado “A Última Batalha”, retrata o fim de Nárnia e seu recomeço. Tudo se inicia quando o macaco Manhoso espalha o falso boato da volta de Aslam. Alegando ser o porta-voz de Aslam, Manhoso faz aliança com os calormanos, possibilitando que estes conquistem os territórios de Nárnia. O rei Tirian, atual rei de Nárnia é capturado por eles e pede ajuda aos amigos para que se libertasse. Todos juntos, Jill, Eustáquio e Tirian reúnem-se para combater o macaco. Manhoso, desesperado, resolve espalhar o boato de que Aslam e Tash são o mesmo ser. Devido a esse boato o povo por engano acaba invocando Tash.

Em meio da batalha, os três entram em um portal que os direciona para a verdadeira Nárnia, onde encontram Pedro, Edmundo, Lúcia, Polly e o Professor Kirke. Neste momento Aslam acaba com a antiga Nárnia, transportando para o novo lugar todos os justos. A partir deste momento, os irmãos estabelecem moradia em Nárnia, exceto por Suzana que, ao crescer, esqueceu-se de Nárnia e estabeleceu novas prioridades. Desta maneira para Suzana,

ao irem para a nova Nárnia, ela tem a imagem de que seus irmãos morreram em um acidente de trem ao qual ela sobreviveu.

Por se tratar da última narrativa, as personagens aparecem mais velhos e maduros. Assim também o espaço de Nárnia é descrito em ruínas devido a seus maus governos. Como nos outros livros, o autor apresenta portais como outro espaço relevante para a obra. Estes também influenciam a visão de tempo que se tem dos mundos. Duriez afirma que

*As Crônicas de Nárnia* têm como pano de fundo um mundo mais antigo que não é dominado por máquinas e armas modernas. Na visão de C. S. Lewis, ele corresponde de fato a um amplo período, que cobre desde os tempos clássicos, passando pela ascensão do cristianismo e da evangelização do Ocidente, até o início do século XIX. *As Crônicas*, em particular, extraem inspiração da Idade Média e do Renascimento, mais particularmente no século XVI. Essa é a razão pela qual Nárnia é habitada por criaturas imaginárias que abarcam este vasto período (DURIEZ, 2005, p. 53, 235).

Nesta narrativa podemos identificar diversas alusões ao livro de Apocalipse – livro que conta a história da volta de Jesus Cristo, sendo considerado um livro profético. Nesta narrativa inicialmente percebe-se a semelhança de temática, já que ambas retratam uma batalha que colocaria fim ao mundo como é conhecido, dando início em um outro ambiente, já preparado para os justos e bons de coração.

A primeira semelhança que destacaremos é o aparecimento do falso Deus, apresentado pela Bíblia Sagrada como a besta. Em ambas as narrativas é o surgimento de um falso Deus que tem como intenção confundir os seguidores, fazendo com que estes o sigam. Na obra de Lewis, a besta como descrita na Bíblia, aparece através do burro Confuso, que, manipulado pelo macaco Manhoso, veste a pele de leão alegando ser o próprio Aslam:

Quem já tivesse visto um leão de verdade jamais se enganaria ao vê-lo. Mas alguém que nunca vira um leão antes, ao ver confuso metido naquela pele, poderia muito bem tomá-lo por um leão, desde que ele não se aproximasse muito e que a luz não fosse muito boa, e, é claro, desde que ele não soltasse um zurro nem fizesse nenhum barulho com os cascos. – Confuso, você está maravilhoso! Ma-ra-vi-lho-so! – Disse o macaco. – Se alguém o visse agora pensaria que você é o próprio Aslam, o Grande Leão! – Oh, não! Isto seria terrível! – Nem tanto – disse manhoso. – Todo mundo iria fazer qualquer coisa que você mandasse. – Mas não quero mandar ninguém fazer nada! – Imagine só quanta coisa boa a gente poderia fazer – disse manhoso. – Eu seria o seu conselheiro, é claro. Bolaria umas ordens bem sensatas para você dar. E todo mundo

obedeceria a nós – inclusive o próprio rei. Aí a gente ia dar um jeito em Nárnia, botar tudo nos eixos. – Mas já não está tudo nos eixos? – Estranhou confuso. – Que nada! – Respondeu manhoso. – Tudo nos eixos? Quando nem laranja ou banana se encontra? – Bem, você sabe... nem todos... aliás, acho que ninguém mais além de você gosta dessas coisas. – E açúcar? – Insinuou manhoso. – Hmmm! Até que seria bom se houvesse mais açúcar... – Então, está combinado – disse o macaco. – Você vai fazer de conta que é Aslam, e eu lhe digo o que dizer. (LEWIS, 2011, p. 663)

Deste modo pode-se perceber a relação entre as obras e sugerir que Lewis tenha se utilizado do trecho de apocalipse como inspiração. No trecho a seguir citado, é dado à besta diversos poderes, e satanás, na obra de Lewis equivalente ao deus Tash, dá a ele a permissão para enganar os seguidores de Cristo, na obra. Análogo a Aslam:

Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? A besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses. Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os que habitam nos céus. Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo. (AP, 13:3-8)

Outro elemento semelhante que encontramos em *As Crônicas de Nárnia* é a descrição de um lugar novo para o qual os justos seriam direcionados após a batalha. Descrito no livro de Lewis como a Nova Nárnia: “Os campos da nova Nárnia eram muito mais vivos: cada rocha, cada flor, cada folhinha de grama parecia ter um significado ainda maior. Não há como descrevê-la: se algum dia você chegar lá, então compreenderá o que quero dizer” (LEWIS, 2011, p. 762).

Tirian ficou um instante sem saber direito onde estava, nem tampouco quem ele era. Então, passados alguns segundos, se recompôs: endireitou-se, piscou os olhos e olhou ao redor. Dentro do estábulo não era escuro como imaginava. Ao contrário, havia uma luz fortíssima: por isso é que estava piscando os olhos. [...] Sete reis e rainhas estavam parados à sua frente, todos eles com coroas na cabeça e vestes resplandecentes; os reis, porém, usavam também finas cotas de malha e empunhavam espadas (LEWIS, 2011, p. 706-707).

Na Bíblia Sagrada este é descrito como Paraíso:

As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente. Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia. As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória. Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite. A glória e a honra das nações lhe serão trazidas. Nela jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro. (AP, 21:21-27).

Mesmo que as descrições sejam diferentes, a ideia de um lugar melhor é a mesma, já que em ambas as obras este ambiente é descrito como muito bonito e melhor que o anterior, no qual os justos viverão para sempre, e também possuem a representação da luz como um sinal grande glória.

Mesmo não havendo claramente na Bíblia a descrição de como será o julgamento final, nesta passagem, o texto indica que haverá um julgamento, destinado a separar os bons dos maus:

Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho. Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte (AP, 21:6-8).

Assim também Lewis narra o julgamento e o destino dos considerados impuros, “– Joguem-nos no santuário de Tash! – Ordenou Rishda. Os onze anões, um após o outro, foram atirados porta adentro no meio da escuridão, aos chutes e pontapés. Após fechar novamente a porta, o taarcã fez uma reverência na direção do estábulo[...]” (LEWIS, 2011, p. 704).

Um dos trechos de maior importância para a representação da intertextualidade neste conto é a representação da salvação de um pecador, representado em *As Crônicas de Nárnia* por um calormano. A este trecho podemos fazer mais de uma alusão, já que em diversos trechos temos a representação da salvação dada a um pecador. Temos, como exemplo, a salvação do ladrão que se arrepende perante Cristo:

E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso. (LC, 23:39-43)

Este ato de salvação do pecador pode remeter também ao ato de sacrifício realizado por Cristo na cruz o qual proporcionou a toda a humanidade a salvação de seus pecados. O arrependimento do calormano garante-lhe uma entrada na nova Nárnia, permitindo-lhe viver com os narnianos, assim como o arrependimento do pecador garante sua entrada no Paraíso.

Os arquétipos presentes em *As Crônicas de Nárnia* permitem ao leitor encontrar e entender a intertextualidade e a relação presente nas obras. Assim, é possível identificar nos contos uma base ou uma inspiração nas Escrituras Sagradas. Não podemos afirmar que esta tenha sido a real intenção do autor, mas podemos identificar em seus textos trechos que inspiram o leitor a refletir sobre seu ser social. Deste modo, após analisar trechos que representam a intertextualidade da obra com o universo cristão, destinaremos agora o foco ao maior arquétipo apresentado na obra e a relação entre Aslam e Cristo.

## 2.6 ASLAM COMO PERSONIFICAÇÃO DE CRISTO

Além de seus discursos, Aslam possui, em si próprio, outro arquétipo capaz de ligá-lo à imagem de Cristo. A utilização da imagem de um leão como representação do salvador de Nárnia faz referência a uma simbologia muito utilizada no cristianismo. Nas escrituras cristãs e judaicas pode-se encontrar o termo “Leão de Judá”, utilizado para referir-se a Jesus Cristo.

O termo “Leão de Judá” surgiu a partir de uma das tribos de Israel, que levou o nome do filho de Jacó, Judá, ao qual Deus deu uma bênção especial que atingiria todas as suas gerações. De acordo com as descrições bíblicas, José pai terreno de Jesus, seria descendente de Judá. Assim, Jesus também seria considerado um descendente da família.

O termo “leão” aparece inicialmente em Gênesis em uma das profecias direcionadas à tribo dos filhos.

Judá é um leãozinho, da presa subiste, filho meu; encurva-se, e deita-se como um leão, e como um leão velho; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos. (GN, 49:9,10)

Posteriormente, aparece em outros trechos: “Então um dos anciãos me disse: ‘Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos’” (AP, 5:5), e “O ímpio foge, embora ninguém o persiga, mas os justos são corajosos como o leão” (PR, 28:1).

De acordo as interpretações bíblicas, o leão seria a representação de Cristo, que surgiria com a intenção de salvar e unir o povo. Destacamos também a representação do leão como rei, aquele que governa o povo.

Lira (2011, p. 53) apresenta em seu trabalho a superioridade do leão da obra de Lewis:

Aslam é a representação do salvador da terra fantástica, aquele que tem maior poder; por isso, o Felino exerce uma relação hierárquica sobre todos os outros personagens da trama. Ademais, Aslam possui muitas das características psicológicas do Filho de Deus: é calmo, compassivo e justo; não mede esforços para ajudar aqueles que o buscam. Tampouco barganha. São traços do caráter de Cristo.

Focando na superioridade do personagem, relembramos também, o ato de sacrifício já citado acima, no qual Aslam assim como Cristo, entregam-se em sacrifício para salvar seu povo, sem realizar nenhuma reclamação:

Por fim a feiticeira aproximou-se. Parou junto da cabeça do Leão. Seu rosto vibrava e contorcia-se de ódio. O dele, sempre calmo, olhava para o céu, com uma expressão que não era nem de ira, nem de medo, um pouco triste apenas. Um momento antes de desferir o golpe, a feiticeira inclinou-se e disse, vibrando com a voz: – Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! (LEWIS, 2011, p. 176)

Analogamente, temos:

Então Pilatos lhe perguntou: ‘Você não ouve a acusação que eles estão fazendo contra você?’ Mas Jesus não lhe respondeu nenhuma palavra, de modo que o governador ficou muito impressionado. (MATEUS, 27, 13-14).

Lewis aborda em sua obra a temática da salvação como descrita nos primórdios da religião. E é através desta temática que tem seu maior arquétipo da obra, pois a imagem do leão de nada valeria sem os discursos morais cristãos de Aslam.

As mensagens que Lewis traz por meio de Aslam provoca no leitor uma reflexão sobre sua condição. A apresentação de Aslam em sacrifício para salvar um inocente promove uma reaproximação do povo com a divindade, da mesma maneira que o sacrifício de Cristo promove uma reaproximação do homem com Deus.

Em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, Lewis utiliza do termo “última ceia” fazendo uma referência ao último momento de Cristo antes de se entregar para morrer: “Quando chegou a hora, Jesus e os seus apóstolos reclinaram-se à mesa. E disse-lhes: ‘Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer. Pois eu digo: Não comerei dela novamente até que se cumpra no Reino de Deus’” (LC, 22:14-16).

A ceia foi silenciosa, muito diferente da refeição da noite passada ou daquela mesma manhã. Era como se os dias felizes, que mal tinham começado, já chegassem ao fim. [...]– Bem... – E Aslam pareceu refletir. – Vou gostar de ter amigos esta noite. Podem vir... desde que me prometam parar quando eu lhes disser, e me deixem depois continuar sozinho. (LEWIS, 2011, p. 173-174)

Aslam, assim como Cristo, caminha para o seu destino em silêncio, como já foi citado anteriormente. Em ambos os casos após a morte há o momento da ressurreição. Porém, devemos atentar a um elemento simbólico ao qual é possível fazer uma alusão desde que se tenha conhecimento das duas obras. Na Bíblia Sagrada temos narrado o momento em que, com a morte de Cristo como Sacrifício, o véu se rasga, permitindo a aproximação do homem com Deus Pai: “Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram” (MT, 27:51). Em Nárnia a morte de Aslam e a quebra da mesa de pedra possuem a mesma significação, podendo ser interpretada, a quebra da mesa, como referência ao véu que se rasgou.



É possível perceber que a volta de Aslam, assim como a de Cristo, é tida como um símbolo do cumprimento de uma profecia:

– E se ela transformar também ele numa estátua de pedra? – Perguntou Edmundo.

– Deixe com ele, Filho de Adão. Não é tão fácil assim! – Respondeu o Sr. Castor, caindo na gargalhada. – Transformar ASLAM em pedra? Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é caso para dar-lhe os parabéns. Não, não. Ele vem botar tudo nos eixos. Assim diz um velho poema que costumamos cantar:

O mal será bem quando Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar. (LEWIS, 2011, p. 96)

Enquanto que, na Bíblia, podemos observar:

E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos (AP, 5:5).

E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos (IS, 25:9).

Assim, ao se considerar a grande significância do personagem e a relação que o autor possui com o cristianismo, torna-se possível estabelecer um paralelo entre as duas obras. Em ambas há a promessa da volta de um ser divino capaz de trazer paz e vencer os inimigos.

Para o cristianismo, a Bíblia Sagrada serve como uma espécie de manual, que nos foi dado para auxiliar na compreensão da vontade de Deus para a vida do homem. Lewis usa a sua obra de fantasia para promover uma reflexão a respeito da vida. Deste modo, a viagem que o autor proporciona pelo mundo de Nárnia, ilumina a curiosidade e a admiração pela figura de Aslam. Quando o leitor identifica o arquétipo de Cristo na obra, esta torna seu significado mais claro, ou seja, Lewis promove seu evangelismo de forma sutil, através do arquétipo de Aslam.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que se tem consciência da existência dos arquétipos, é possível perceber que um texto não se cria a partir do vazio, mas sim de uma série de conhecimentos prévios que se formam no subconsciente humano. Estes conhecimentos surgem a partir da “contação” de mitos oralmente, que passam por diversas gerações tornando-se uma base essencial para qualquer ser humano, pois auxiliam não somente no imaginário como também na construção de um ser moral e social. Desta maneira com o passar dos anos, é possível perceber o surgimento de novos escritos a partir dos antigos, ou seja, os mitos vão se alterando, atingindo novos públicos e servindo de base para novas histórias. Estas novas obras que se originam tornam os mitos mais acessíveis a um novo público.

Em *As crônicas de Nárnia*, é possível perceber esta transição do mito inicial e o diálogo intertextual que a obra faz com a Bíblia Sagrada. Mesmo não tendo a mesma estrutura ou seguindo a mesma ordem cronológica, é clara a relação que se estabelece entre as duas obras. Desde a semelhança da criação, ou a temática da ressurreição até a batalha final entre o bem e o mal, *As Crônicas de Nárnia* apresentam diversas semelhanças com o texto cristão. Estas semelhanças tornam possível a identificação da Trindade cristã que é descrita nas escrituras sagradas, toda ela representada no personagem de Aslam.

Esta relação entre as obras proporciona ao público uma nova visão evangelística. O livro direcionado ao público infantojuvenil vai além de uma apresentação sistemática do evangelho, ele aborda temáticas pertinentes do cotidiano, sentimentos e problematizações presentes na vida não somente do jovem, o que possibilita a leitura da obra e seu total aproveitamento por parte de diversos públicos.

No decorrer da obra, deparamo-nos com diversos arquétipos, além do cristão estabelecido por Jesus Cristo e Aslam, há uma forte representação dos arquétipos de heróis. Estes, constroem uma forte relação com o leitor já que representam a superação perante a dificuldade. Ao se estabelecer uma relação de identificação com o leitor, torna-se a obra mais acessível e proporciona ao leitor um entendimento quanto às relações com o mundo. Portanto, estas construções a partir dos seus arquétipos possibilitam que o leitor estabeleça

uma relação entre os personagens e seu significado, auxiliando assim na construção do pensamento.

Lewis apresenta, em sua obra fantástica, uma visão teológica, de modo a instigar o leitor a estabelecer uma relação entre ele e sua espiritualidade, utilizando-se da fantasia para tratar com sutileza dos conflitos morais. A religiosidade do livro, por meio da fantasia, desperta no leitor a curiosidade e o leva a encontrar no caráter do personagem Aslam a representação do arquétipo de Cristo. Desta maneira, encontramos na obra de Lewis um texto bíblico acessível e com novas intenções. Ao invés de orientar, Lewis traz a intertextualidade bíblica com a função de causar reflexão e de evangelizar o leitor através da fantasia.

A figura de Aslam e a sua sabedoria apresentam a multiforma da trindade cristã. Magalhães Filho (2005, p.42) explica:

Na Bíblia, Cristo é retratado por várias figuras conforme a ênfase do contexto. Muitas delas parecem opor-se, como o Leão e o Cordeiro, por exemplo. Outras contrastam a de esclarecer que uma característica de Jesus não exclui a outra. Um bom exemplo disso é a menção à ira (ferocidade) do Cordeiro (símbolo da mansidão) em Apocalipse 6:16. Não é sem razão que a Bíblia fale na multiforme sabedoria de Deus.

Para compreender a intenção presente na obra a partir da intertextualidade é preciso aprofundar-se nela, não somente em seus textos, mas também na construção de toda a atmosfera de Nárnia, na riqueza textual e nas imagens que ali são projetadas. Estas imagens certamente levarão o leitor a encontrar o universo cristão na obra:

– Está também em nosso mundo? – Perguntou Edmundo  
– Estou. Mas tenho outro nome. Têm de aprender a conhecer-me por esse nome. Foi por isso que os levei a Nárnia, para que, conhecendo-me um pouco, venham a conhecer-me melhor. (LEWIS, 2011, p. 230)

## REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARRUDA, Samara. Marques. **A interface intertextual implícita entre o personagem Aslam e a pessoa de Jesus, representados, respectivamente, nas crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda roupa e nos textos bíblicos**. Monografia (Licenciatura em Letras) – UEPB, João Pessoa, 2016

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1982

BÍBLIA. **A bíblia sagrada: o antigo e o novo testamento**. Santo André: Imprensa Bíblica Brasileira, 2008.

BROWN, Devin. **Os bastidores de Nárnia**. Tradução de Maria Helena Aranha. São Paulo: Editora Hagnos, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1991. 250 p. Disponível em: <[http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/joseph\\_campbell\\_%20o\\_poder\\_do\\_mito.pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf)> Acesso em: 25 setembro. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2004.

DUARTE, Grace Aparecida de Freitas Felix. **Uma leitura intertextual das Crônicas de Nárnia: religiosidade e diálogos com a Bíblia Sagrada**. 2015. Monografia (Licenciatura em Letras) – UEPB, João Pessoa, 2015.

DURIEZ, Colin. **Manual prático de Nárnia**. Tradução de Celso Roberto Paschoa. Osasco: Novo Século, 2005.

GREGGERSEN, Gabriele. (Org.). **O evangelho de Nárnia: ensaios para decifrar C. S. Lewis**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GONÇALVES, S. R. O intertexto bíblico na literatura: as crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. 2015. p. 1504-1526.

HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica**. Tradução de Lucia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix.1992.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. 7. ed. Petrópolis, RJ: 1988

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy . 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia (Volume único)**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LIRA, E. E. P. **O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis. Leitura: Teoria & Prática**, v. 29, n. 57, p. 51-55, 2011.

MAGALHÃES FILHO, G. B. **O imaginário em *As Crônicas de Nárnia***. São Paulo: Mundo Cristão, 2005

SERBENA, C. A.. **Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica**. Rev. abordagem gestalt. vol.16 no.1 Goiânia jun. 2010.

WHITMONT, E. (1991). **A Busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix.